

## VARIAÇÃO, MUDANÇA E PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS *ILLE*, *ILLA*, *ILLUD* DO LATIM CLÁSSICO PARA ARTIGOS DEFINIDOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

## VARIATION, CHANGE AND GRAMATICALIZAÇÃO PROCESS OF DEMONSTRATIVE PRONOUNS *ILLE*, *ILLA*, *ILLUD* FROM CLASSICAL LATIN TO DEFINITE ARTICLES OF THE PORTUGUESE OF BRAZIL

Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho<sup>1</sup>  
Julio Neto dos Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho pretende discorrer sobre os processos de variação e mudança dos pronomes demonstrativos latinos de terceira pessoa *ille*, *illa*, *illud* que veio a se transformar no português do Brasil nos atuais artigos definidos. Sabe-se, tomando por base o funcionalismo linguístico, que toda atividade humana de linguagem se fundamenta no uso que se faz dessa linguagem. Dessa perspectiva, não é a gramática de uma língua que determina seus usos, mas o contrário. Isso justifica os diversos processos de gramaticalização, que por meio do uso que se faz da língua, determina o surgimento algumas categorias gramaticais, fazendo com que elementos gramaticais que arquetipicamente pertenciam a uma dada categoria gramatical, gramaticalizem-se em outros, não perdendo, contudo, sua função prototípica. Os pronomes demonstrativos de terceira pessoa *ille*, *illa*, *illud* no latim tinham a função de marcar no espaço como determinantes a pessoa gramatical do discurso e ao mesmo tempo sua função dêitica. No entanto com o uso do latim em situações reais, os pronomes passaram paulatinamente nos vernáculos que se desdobraram do latim vulgar (*latim usualis*) a se posicionar e funcionar como elementos determinantes de substantivos e adjetivos, que foi posteriormente batizado de artigos definidos. Este trabalho tem como base teórica o Funcionalismo linguístico americano, mais especificamente na noção de uso, variação, mudança, processos de gramaticalização e função prototípica das categorias gramaticais. Pode-se concluir, com base no uso linguístico, que os atuais artigos do português do Brasil são os antigos pronomes demonstrativos do latim clássico que no latim vulgar se gramaticalizaram em determinantes do português brasileiro e em outras línguas neolatinas.

**Palavras-chaves:** Latim Clássico. Latim Vulgar. Processos de gramaticalização. Mudança.

### ABSTRACT

This work intends to expatiate on the processes of change and variation of the Latin demonstrative pronouns third party, *ille illa, illud* who came to become the Portuguese of Brazil in today's definite articles. It is known, on the basis of linguistic functionalism, all human activity is based on language use which makes this language. From this perspective, it is not the grammar of a language that determines their uses, but the opposite. That justifies the different gramaticalization that processes through the use of grammar that is

<sup>1</sup> Pós-doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela UERN.

determining the grammatical categories of a language, making grammatical elements that typically belong to a given grammatical category if grammaticalized in others, yet not losing your prototypical function. The demonstrative pronouns third person, *ille illa, illud* in Latin had the role of mark in space as the determiner the grammatical person of the speech and at the same time its deictic function. However with the use of Latin in real situations the pronoun passed slowly in vernaculars that deployed from Vulgar Latin (Latin usualis) to position themselves and function as elements determinants of nouns and adjectives, which was subsequently baptized of definite articles. This work has as theoretical basis functionalism American language, more specifically on the notion of use, variation, change, processes of grammaticalization and prototypical function of grammatical categories. It can be concluded based on the use of languages that the current articles of the Portuguese of Brazil are the old demonstrative pronouns from classical Latin than Vulgar Latin if grammaticalized in determinants of Brazilian Portuguese and other Romance languages.

**Keywords:** Classical Latin. Vulgar Latin. Processes of grammaticalization. Change.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma constatação muito difundida da linguística moderna, principalmente com os estudos do linguista suíço Ferdinand de Saussure<sup>3</sup>, que as línguas evoluem com o passar do tempo. Embora tenha trabalhado bastante a noção de diacronia aplicada às línguas indo-europeias, inclusive montando o sistema vocálico do protoindo-europeus, Saussure com Curso de Linguística Geral não prioriza esse estudo que mostrava a evolução das línguas como fruto de processos de conquistas e movimentos migratórios de povos distintos na Europa.

A prioridade saussuriana se baseou na sincronia que analisa as línguas do ponto de vistas de sua estrutura atual e desconsiderando, teoricamente, sua evolução. Esse recorte teórico do linguista e filósofo suíço se fundamentou na ideia de um sistema linguístico fechado numa visão imanente da língua. Seus estudos sobre a língua e suas exclusões fizeram nascer muitas disciplinas que ora consideravam suas postulações teóricas, ora as refutavam e outras davam continuidade àquilo que fora excluído ou não estudado devidamente.

Uma das teorias que retomou os estudos saussurianos foi o Funcionalismo norte-americano. Essa teoria não exclui a ideia de que a língua seja um sistema, no entanto entende que a língua é um sistema a serviço do uso por sujeitos falantes e situações reais de uso, ou seja, a língua é vista a partir do uso que se faz dela e não

---

<sup>3</sup> Saussure não foi o único a perceber a evolução linguística, estudos dos neogramáticos já evidenciavam essa característica nas línguas, embora o trabalho deles se pautasse apenas na noção de tempo.

o contrário como pensava o mestre genebrino<sup>4</sup>. Essa inversão cria uma série de mecanismo e postulados teóricos que visam explicar a língua como objeto de estudo fundamentado numa “teoria do uso”

O funcionalismo prega que a variação, muitas vezes, leva à mudança, entendendo que variação e mudanças são coirmãs no processo de gramaticalização de algumas categorias gramaticais com base no uso linguístico. Essa teoria não mostra simplesmente que a língua evolui mecanicamente através de processos evolucionistas como pensavam os neogramáticos<sup>5</sup>, mas a partir dos usos que se fazem ou se faziam de determinadas categorias gramaticais que, com o passar do tempo, veio a se estabilizar na função de outro elemento gramatical, o uso que se faz dos elementos gramaticais é que determinam ou influenciam na sua mudança na gramática dessa língua.

O nosso objeto de estudo que é o sistema pronominal do latim, especificamente, o pronome pessoal *ille, illa, illud*, que faz parte da língua latina falada em toda a Itália e outras regiões do mundo onde o Império Romano dominava do século VIII A.C. até a queda de Constantinopla que fazia parte do Império Romano do ocidente e, que depois ficou restrita apenas a cidade de Roma. Durante o período que foi falado, possuiu várias denominações e usos de acordo com quem falava, o grau de instrução do falante e das regiões onde foi imposto como língua oficial e dos contatos que essa língua teve com línguas nativas pertencentes a outros sistemas linguísticos (CÂMARA JR, 1970).

## 2 A LÍNGUA LATINA

O latim é uma das muitas línguas que se originou da língua-mãe indo-europeu. Foi inicialmente e, posteriormente, a língua oficial de Roma, grande capital econômica e militar do mundo antigo. Teve sua origem aproximadamente no século

---

<sup>4</sup> Para melhor compreensão de como Saussure entendia a língua ver o Curso de Linguística Geral capítulo III “Objeto da Linguística”, já que não é prioridade desse estudo discorrer sobre o objeto da linguística segundo Saussure.

<sup>5</sup> Os neogramáticos foram acusados de trabalharem com fósseis linguísticos acreditando que naqueles elementos observados por eles, principalmente dados da língua escrita, estava o cerne da evolução dos vocábulos. Eles trabalhavam apenas com a variante tempo aplicada a evolução linguística das categorias gramaticais.

VIII antes de cristo e falada basicamente por pastores albanos que habitavam a península itálica, mais especificamente no *Latium*, daí o nome da língua Latim. Foi nos seus primórdios uma língua tosca com vocabulário pobre e sintaxe travada e fragmentada servindo apenas para comunicação nas situações corriqueiras da vida cotidiana. CÂMARA Jr (1970).

Com a passar dos anos o latim se tornou uma língua muito difundida, devido sua grande produção literária. De fato, a literatura latina foi quem tornou o latim uma língua fluida e mais organizada do ponto de vista gramatical. Embora tivesse organização própria, o latim teve muita influência do grego, a ilha vizinha que foi dominada militarmente pelos romanos que adotaram em seus costumes e principalmente na literatura toda a cultura grega. Deste ponto de vista, é válido salientar que os romanos copiaram a cultura e a literatura grega por justamente faltar aos romanos esses dados, já que eram povos guerreiros e não eruditos, o que vale dizer que culturalmente os gregos foram os dominadores ao ponto de escravos<sup>6</sup> gregos darem aulas de latim nas escolas romanas.

O latim era uma língua sintética, ou seja, seus elementos constitutivos possuíam várias funções do ponto de vista gramática. Segundo Câmara Jr. (1970), os elementos gramaticais do latim possuíam isoladamente forma, função e sentido, ou seja, não importava onde os elementos estivessem dispostos na frase eles significavam exatamente a mesma coisa, não tinham a chamada sintaxe de colocação como no português do Brasil. Numa frase como “*Puer vidit lupum*” (O menino viu o lobo), *puer* será sempre sujeito agente (caso nominativo), *vidit* verbo transitivo direto (do verbo *videre* - segunda conjugação breve) e *lupum* objeto direto (caso acusativo); se a frase viesse “*Puer lupum vidit*”, o paradigma mais usado no latim clássico significava a mesma coisa de “*Puer vidit lupum*” e se viesse “*Lupum puer vidit*” nada acrescentava a semântica da frase original, um caso que em português não funciona, já que o lugar onde se encontra o termo gramatical ele terá uma função gramatical diferente. CÂMARA Jr (1970).

---

<sup>6</sup> Tito Lívio foi um escravo grego capturado pelos romanos e adotado por uma família romana que produziu uma vasta literatura.

Então dessa forma, Câmara Jr (1970) nos ensina que o latim clássico<sup>7</sup> era uma língua racional e altamente formal em que todos os vocábulos deviam caber em cinco grupos formais chamados de declinações e quatro outros chamados de conjugações. Sobre essa questão se desconsiderava, assim como a maioria das gramáticas portuguesas, as chamadas variações, não se aceitava que a língua se corrompesse pelo uso que se fazia dos elementos gramaticais pela grande plebe. Inclusive há um grande um grande compêndio anônimo *Index Probo*, mas escrito hipoteticamente por um gramático, condenando várias palavras que eram usadas de forma diferente pelas pessoas sem instrução. São exemplos de correções do compêndio: *vetulus* e não *veclus*<velho; *catulus* e não *cattus*<gato; *cáthedra* e não *catédra*<cadeira; *mulíere* e não *muliére*<mulher, etc.

Isto detecta casos evidentes de variação e mudança do latim clássico muito sintético e de vários latins vulgares que se espalhavam pelos lugares onde o latim foi levado por soldados, escravos e pessoas da plebe que sem a formação dos grandes escritores latinos falavam o latim sem o “policiamento linguístico”.

Tudo isso foi ocasionado não pelos simples fato de que, com o passar dos anos, a língua varia de uma península para outra, ou por que pessoas sem instrução usavam a língua de forma “errônea”, mas simplesmente no mesmo tempo em que viveram, essa língua foi variada e mudada pelo uso que se fazia dela, ou seja, não é uma coisa que se explica simplesmente pelo fator tempo, ele é importante, mas também é fator de suma importância o uso que se fazia de uma determinada língua no tempo presente em que foi usada.

### 3 O FUNCIONALISMO EM LINGUÍSTICA

O Funcionalismo é uma teoria que nasceu a partir dos limites teóricos do estruturalismo. Ao refutar que a língua fosse um sistema homogêneo, abstrato de signos linguísticos que se relacionavam nos eixos paradigmático e sintagmático e,

---

<sup>7</sup> Nas universidades brasileiras, portuguesas e italianas se usa ainda o latim clássico como ensino e não se tem uma cadeira específica por falta de documentos escritos, o que se tem segundo Antenor Nascentes são fontes muito precárias colhidas em tabuinhas execratórias, vendas, cartórios e escritos de artistas populares em tumbas de cemitérios, etc.

que só significavam dentro desse sistema linguístico, o funcionalismo trabalhou com a ideia de que a língua, a linguagem e a gramática tinham funções. De fato, a função foi o segundo termo mais usado em linguística depois do termo sistema que dominou a linguística do século XX e XXI, mostrando que as análises linguísticas baseadas apenas na estrutura e na concepção da língua imanente já não atendiam mais as exigências da época.

Embora o Funcionalismo rejeite a ideia de que a língua seja simplesmente uma estrutura, mas sim uma função que é sua finalidade maior, não esconde sua filiação a Saussure quando enfatiza que “outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso caso nada de semelhante ocorre [...] Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, [...] é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2006, p. 15), ou seja, o ponto de vista que cria o objeto do Funcionalismo é a função.

Nesse sentido:

O funcionalismo entende que a linguagem se define, essencialmente, como um instrumento de interação social, empregado por seres humanos com o objetivo primário de transmitir informações entre interlocutores reais. Considerando que a variação de informação depende especificamente da extensão do contexto linguístico que [...] distingue várias posições funcionais, cada qual tendo em conta o contexto progressivamente mais abrangente para explicar a natureza da linguagem. (MUSSALIM; BENTES, 2005, p. 169)

O funcionalismo foi inicialmente uma “concepção geral, desvinculada de propostas de escolas particulares é uma teoria que se liga, acima de tudo, aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o Funcionalismo se ocupa, exatamente, das funções, dos meios linguísticos de expressão” (NEVES, 2007, p. 14). Entende que a linguagem é interação de interlocutores e situações reais de uso e que isso depende do contexto maior onde esses interlocutores interagem. Como a linguagem é heterogênea por natureza e as informações do contexto também são variadas, se pode pensar numa teoria que se baseie apenas na unicidade e unilateralidade de usos da língua, mas justamente o

contrário, observar que essa heterogeneidade marcada na linguagem é que é o foco central de investigação por meio das funções que se desempenha nos usos dessa linguagem e a emergência do sujeito marcado pela linguagem e pela ideologia.

Trabalhando com dados retirados diretamente do contexto de usos da língua, observa-se que a tendência funcional da linguagem tem como pré-requisito observar como a língua funciona no uso e como certas categorias gramaticais assumem papéis diferentes daqueles propostos pelas gramáticas normativas que querem regularizar os usos por meios de regras.

Assim, o Funcionalismo tem como

princípio de que toda explicação linguística deve ser buscada na relação entre linguagem e uso, ou na linguagem em uso no contexto social, torna obrigatória a tarefa de explicar o fenômeno linguístico com base nas relações que, no contexto sócio-interacional, contraem falante, ouvinte e a pressuposta informação pragmática de ambos. (MUSSALIM; BENTES, 2005, p. 168)

Nessa perspectiva, o princípio da interação verbal e uso da linguagem pressupõem falantes e ouvintes engajados em transmitir informações que são paritárias, ou seja, ninguém é o dono da informação, nem o emissor nem o receptor, mas ambos possuem a mesma responsabilidade sobre essas informações. O Funcionalismo chama para entender a linguagem em seu funcionamento real, observando que no uso as coisas nem sempre são o que parecem e que as formas linguísticas arquetípicas abandonam sua função original e passam a desempenhar outras funções que podem estar ligadas a sua função arquetípica ou se desdobrar em funções diferentes.

Então, no Funcionalismo,

O enfoque da linguagem como instrumento de interação social tem por objetivo revelar a instrumentabilidade da linguagem em termos de situações sociais. [...] a interação verbal é uma forma de atividade cooperativa estruturada, em torno de regras sócias, normas ou convenções. As regras propriamente linguísticas devem ser consideradas instrumentais em relação aos objetivos comunicativos da interação verbal. Desse modo, o compromisso principal do enfoque funcionalista é descrever

a linguagem não como um fim em si mesmo, mas como um requisito pragmático da interação verbal. (MUSSALIM; BENTES, 2005, p. 168)

A linguagem é o instrumental linguístico do funcionalismo com o objetivo de observar o funcionamento da linguagem no contexto social, ou seja, seus fins comunicativos. É na comunicação real que a teoria funcionalista observa o funcionamento da gramática e como os elementos constitutivos da mesma variam e se gramaticalizam em funções que não haviam ainda desempenhado.

Isso se deve ao fato de, nos seus pressupostos teóricos, o Funcionalismo considerar a linguagem não por ela mesma, mas como representação não-motivada das ações humanas. Linguagem é ação e interação e não um sistema linguístico baseado em paradigmas e sintagmas com seus significantes e significados. A linguagem é construção de sentidos por meio da interação verbal dos seus interlocutores em situações reais de uso da linguagem no social.

#### **4 VARIAÇÃO, MUDANÇA E PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO**

Então se pode afirmar, com propriedade que o que influencia de modo direto as mudanças de uma língua, são justamente os usos que se fazem dessa língua falada pelas diversas camadas sociais, já que há registros não históricos de que, inclusive eruditos ficaram fascinados pelos novos usos do latim pelo povo, como é o caso das epístolas de Cícero endereçadas a amigos íntimos que percebia e se fascinava pela língua do povo, observando que nas camadas populares o latim que ele mesmo defendia nas tribunas servia a outros propósitos funções diferente.

Segundo Martelotta:

As línguas são sensíveis às nuances culturais associadas ao estilo de vida dos humanos, apresentando de um lado, as *variações* de natureza individual, social, regional, sexual, entre outros, que convivem em um momento do tempo, e, de outro lado *mudanças* que se manifestam com o passar do tempo. (MARTELOTTA, 2003, p. 57)

Segundo o autor, o tempo não é o único veículo que desencadeia a variação e posteriormente a estabilização da mudança, mas que esses fatores coexistem e fazem com que aconteçam os processos de gramaticalização de algumas categorias gramaticais. E isso é tão evidente que mesmo no tempo em que estava havendo o processo de gramaticalização se percebia que a língua em situações reais de uso era usada de forma diferente daquelas que eram idealizadas pelos puritanistas<sup>8</sup> da língua.

Ainda, segundo o autor, os processos que desencadeiam a variação e posteriormente a mudança são unidirecionais, ou seja, há nas categorias gramaticais funções prototípicas que levam a outras, sem contanto que o antigo seja suplantado. Essa tese do autor define segundo o proposto por Hopper (1991) que os processos de gramaticalização ocorrem de duas formas (das cinco propostas por Hopper) por camadas e divergência, ou seja:

O princípio de *camadas* refere-se ao fato de que as línguas frequentemente possuem mais de uma forma para desempenhar funções idênticas, sendo, nesse caso, importante registrar que a forma nova não implica o desaparecimento da forma existente. No caso da *divergência*, tem-se um conjunto de formas com a mesma etimologia, desempenhando funções diferentes. (MARTELOTTA, 2003, p. 57-58, grifos do autor)

De acordo com o autor, a gramaticalização das categorias gramaticais segue por dois caminhos: várias formas desempenhando várias funções e um conjunto de formas, que vieram de línguas diferentes para uma mesma língua, que na língua original desempenhava outra função, na língua que se estabeleceu começa a desempenhar outras funções daquela prototípica, no entanto não deixando de exercer essas funções, ou seja, as categorias gramaticais continuam exercendo suas funções prototípicas e ainda desempenham outras que não é, necessariamente a sua, mas que de alguma forma tem relação com a mesma.

Neste sentido, pode-se dizer que as formas linguísticas, a nova e a antiga função coexistem no mesmo tempo até que uma finalmente suplante a outra por

---

<sup>8</sup> Gramáticos e escritores eruditos.

meio do uso e regularização dessa nova forma/função, quando acontece a chamada mudança.

O que motiva as transformações da língua não é simplesmente a evolução dessas categorias ao longo do tempo, mas acontece devido ao uso que se faz dessa língua. Essas transformações não acontecem da gramática para o uso, mas o contrário, ou seja, no discurso onde se realiza o uso efetivo da língua é que determina a gramática de uma língua; a gramática, nesse sentido não é algo pronto e acabado, mas algo que está em constante transformação devido ao uso da língua em situações concretas.

Os processos de mudança, no sentido de uma categoria gramatical passar a desempenhar outra função, acontecem de forma unidirecional.

Matelotta assim explicita:

A noção de unidirecionalidade, tal como proposta pela teoria da gramaticalização, leva à hipótese de que existem fatores de ordem cognitiva, sociocultural e comunicativa que norteiam a mudança. Nesse sentido, pode-se pensar, com Saussure, que existe uma pancronia, ou um conjunto de leis gerais, que se fundamenta em bases não estruturais; (MARTELOTTA, 2003, p. 59).

Ou ainda, segundo Furtado Da Cunha; Oliveira; Votre (2003), que “há transformações que ocorrem em todos os tempos e lugares, já que há evidências de que o mesmo tipo de transformação pode processar-se repetidamente, enfraquecendo a visão tradicional de que a mudança esta relacionada apenas à sucessão temporal.” Segundo o princípio da unidirecionalidade, as categorias gramaticais caminham direcionalmente do discurso para a gramática, ou seja, há fatores de ordem estrutural, cognitiva e sócio-cognitiva que fazem com que advérbios venham a se transformar em prefixo, por exemplo, (MATELOTTA, 2003).

Segundo os pressupostos teóricos do funcionalismo, a mudança linguística é um processo natural que acontece com toda e qualquer língua do mundo. A sociedade como um todo é heterogênea, seus falantes são os mais variados possíveis e, como a língua é um reflexo das atividades humanas, ela também é heterogênea e está sujeita às mudanças, seja do ponto de vista estrutural, seja do

ponto de vista social. Importante lembrar que a heterogeneidade é um princípio básico das línguas, elas não são estanques, variam e mudam de acordo com o tempo e com os usos que se fazem dessa língua.

A mudança é um princípio que sucede a variação. Já se sabe que a língua varia e isso não acontece simplesmente por acontecer, possui um princípio norteador. Ao variar a língua muda para outra coisa, ou seja, transforma-se em algo que ela não era. Porém, segundo a teoria funcionalista, ao mudar a língua não abandona seus antigos usos, são raros os casos, e começa a desempenhar outras funções gramaticais que estão na formação prototípica e na natureza linguística desse vocábulo ou não. A gramaticalização é o processo que explica, por exemplo, pronomes se transformarem em artigos, dado o lugar e as funções prototípicas que esses vocábulos desempenham ou desempenharam numa dada língua.

Depois de tudo isso se tem uma nova função gramatical com uma antiga categoria gramatical que aconteceu devido ao uso que se fez desse vocábulo que sucessivamente variou, gramaticalizou-se e finalmente mudou, não podendo fazer esse processo ser reversível. .

## **5 VARIAÇÃO, MUDANÇA E GRAMATICALIZAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS *ILLE, ILLA, ILLUD***

Com base nos princípios da variação, segundo o qual as línguas mudam com o passar dos anos, devido ao uso que se faz dessa língua em situações reais de uso, enquanto que a mudança linguística que acontece quando uma forma passa a desempenhar novas funções e estabelece-se com esse uso; com os processos de gramaticalização, certas categorias gramaticais que possuíam uma forma arquetípica como, por exemplo, de advérbio, depois podem se fixar como prefixos, por exemplo. Os pronomes *ille, illa, illud* (neutro) (pronome demonstrativo de terceira pessoa do singular), especificamente, que tem ainda a forma arquetípica de anteceder nomes junto com sua função dêitica, veio a se transformar nos atuais artigos do português do Brasil. Em sua natureza linguística esses elementos gramaticais no latim já antecederiam nomes, fato esse de terem se transformado em determinantes no português do Brasil e outras línguas neolatinas.

Os pronomes demonstrativos funcionam como determinantes em português assim como desempenham função dêitica, ou seja, remetem para dentro e fora do texto a elementos que já foram mencionados, bem como à posição do sujeito no discurso. Segundo Benveniste em “Problemas de linguística geral II”, os pronomes marcam na língua a presença do sujeito da enunciação. Remetem para fora da língua e reportam-se ao autor e ao lugar da enunciação. Linguisticamente falando, os demonstrativos vêm sempre antes do sujeito, sua antiga função, mostrando o lugar/espço de onde o sujeito fala.

Com essa função de determinar foi que com o uso do latim vulgar pelas camadas populares onde o latim foi sendo desmembrado, é que, ele passou a assumir a frente de substantivos e adjetivos e defini-los e não apenas dando a noção de lugar, mas também de definição do vocábulo que o procede.

Sabe-se que no latim clássico não havia artigos, que segundo Tarallo:

São os autores unânimes quanto ao fato de o sistema do latim clássico não possuir artigos, e da essa classe de palavras ter surgido somente nos derradeiros momentos do latim falado, já em uma fase pré-romano. Não há dúvida ou desacordo, tampouco, quanto ao fato de o artigo definido ter ‘nascido’ de um pronome demonstrativo, mais especificamente, *ille*, em sua forma acusativa. (TARALLO, 1986, p. 137)

Não há dúvida de que os artigos do português do Brasil tenham vindo de um pronome demonstrativo, como explica Fernando Tarallo, que surgiu a partir do latim falado, ou seja, o latim usado pelo povo da época nas situações reais de uso da língua. Explicar como aconteceu a evolução pelo tempo e pelo uso é muito fácil como mostra o quadro A1, no entanto é bem mais complicado explicar como isso surgiu observando as precárias fontes de textos que a história do português nos legou. Vale salientar que dos seis casos latinos só foi passado o caso acusativo, o restante se esvaiu com o tempo e o uso.

Como foi dito anteriormente, os vocábulos formais, nas palavras de CÂMARA Jr. (1970) tinha forma, função e sentido, funcionando isoladamente com a mesma

significação em qualquer parte da sentença. Nesse sentido, o determinante estava na terminação do vocábulo latino, ou seja, na declinação, no entanto com os pronomes isso era diferente. Embora eles declinassem como se fossem nomes, eles acompanhavam o substantivo e adjetivo e concordavam com eles em gênero, número e grau. Para se dizer “este livro” em latim clássico dizia-se somente */ille liber/* e em qualquer palavra seja ela masculina ou feminina, depois do enfraquecimento dos casos que não reconhecendo a natureza formal de funções dos três pronomes em masculino, feminino e neutro, terminou por generalizar o uso de *ille* em todos os casos.

Tal qual o português do Brasil, o latim era uma língua declinável, ou seja, desdobrava-se em gênero, número e caso (este último se esvaiu nas línguas neolatinas), inclusive os pronomes que se encaixavam na categoria dos vocábulos declináveis. Com base no uso linguístico, pode considerar também que certas formas travadas como é o caso de */ille liber/*, os falantes por economia linguística tenham simplificado seu uso para facilitar a comunicação; lógico que isso não foi intencional, mas simplesmente com propósitos comunicativos, o que gerou outras formas de dizer a mesma coisa.

Mostrando sua possível transformação usual, o pronome *ille* pode ter tido a seguintes transformações do latim para o português. Vale salientar que dos seis casos latinos, o acusativo foi o único usado para as línguas neolatinas.

## 5.1 QUADRO DEMOSTRATIVO

O quadro 1 abaixo é uma mostra de como os pronomes demonstrativos evoluíram para os artigos do português do Brasil.

Quadro A 1

<b>PRONOME DEMONSTRATIVO <i>ILLE, ILLA, ILLUD</i> (neutro)</b>	
ACUSATIVO MASCULINO	
SINGULAR	<i>illium&lt;illiu&lt;ilo&lt;lo&lt;o</i>

PLURAL *illios<ilos<los<os*

ACUSATIVO FEMININO

SINGULAR *illam<illa<ila<la<a*

PLURAL *illas<ilas<las<as*

**Fonte:** WILLIANS (1961, p. 144-145)

Não é difícil perceber esses remanescentes do pronome *ille* no espanhol, nosso vizinho, que se formou na mesma península e do mesmo latim vulgar, onde os artigos definidos masculinos são *el, lo* (neutro) e feminino *la*; masculinos plurais *los* e femininos plurais *las*. No português do Brasil, eles são como o das partes finais do quadro acima.

Como aconteceu, então, esses processos de variação, mudança e gramaticalização dessas formas gramaticais prototipicamente pronomes se transformarem em artigos? Sabe-se que no latim clássico, como foi mostrado acima, que para se dizer “o livro” dizia-se “*ille liber*”, já no latim vulgar dizia-se *il libro ou le libe<sup>o</sup>r*, que não era apenas uma forma diferente de dizer a mesma coisa como em “*falar hei<falarei*”, (MARTELOTTA, 2003, p. 58), mas a utilização de uma forma que prototipicamente tinha outra função, a de pronome, assumir uma nova função: a de determinante e ao mesmo tempo significar não apenas o espaço do falante em relação a pessoa ou coisa, mas uma definição e determinação da pessoa ou coisa.

O povo da plebe em sua sabedoria ou ignorância usava essas expressões sem o “policiamento gramatical” e esses usos foram se estabelecendo nos romances que se derivaram do latim e deu nos atuais artigos definidos do português e de outras línguas neolatinas como o espanhol, o romeno, o francês, o italiano, etc.

Dessa forma, com seus novos usos, o pronome *ille*, que desempenhava função de marcar o espaço da pessoa do discurso passou a ser usado como determinante de vocábulos e adentrando as línguas neolatinas como artigos definidos (BODMER, 1960).

<sup>9</sup> Essas construções são hipotéticas e podem não ter valor científico.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir nesse trabalho, de cunho propedêutico, que o que foi exposto sobre a variação, mudança e gramaticalização do pronome latino *ille*, não foi uma pesquisa meramente diacrônica, que mostra apenas como os vocábulos evoluem ao longo do tempo sem perceber que há inúmeros outros fatores envolvidos, de cunho estrutural, cognitivo e sócio-cognitivo que afetam a transformação dos elementos gramaticais no seu uso em situações comunicativas reais e dando-lhes outras funções que as que outrora desempenhavam, ou seja, uma visão pancrônica<sup>10</sup> que vê tanto a sincronia quanto a diacronia se desenrolarem no mesmo tempo.

Tomou-se por base a teoria funcionalista da linguagem que, em seus pressupostos teóricos, mostra que as gramáticas, de um modo geral, não estão prontas e acabadas, mas que estão em constantes modificações em decorrência do uso que se fazem das categorias gramaticais em situações de usos da língua. Que as categorias gramaticais não desempenham apenas uma função, mas que no uso das mesmas no discurso tanto podem assumir suas formas prototípicas quanto outras que estejam latentes em sua natureza formal e funcional e vindo a se estabilizar numa nova função dentro de uma situação real de uso dessa língua.

Pode-se observar ainda que com base na teoria funcionalista, que pelo fato de não acreditar que a língua seja apenas uma estrutura rígida alheia às variações que uso traz e que as formas linguísticas estejam dispostas num sistema homogêneo que desconsidera as variantes ocasionadas pelo uso que se faz dessa língua que essa língua varia no tempo, de pessoa para pessoa, pelo gênero, raça, etc. Que a língua reflete de alguma forma as atividades da cultura do homem e que não é um sistema totalmente arbitrário como já assinalava Saussure.

---

<sup>10</sup> A Linguística Funcional leva conta não apenas a diacronia que é a sucessão de sincronias, nem a visão sincrônica defendida por Saussure, mas sim uma visão pancrônica que leva em conta que as línguas em seu uso real são transformadas tanto por fatores temporais quanto por fatores de ordem estrutural, cognitiva e sócio cognitiva que é a adoção do uso linguístico como pressuposto fundamental.

Pode-se finalmente concluir que o português do Brasil não possui artigos, e sim, pronomes demonstrativos de terceira pessoa do latim clássico que, no latim vulgar, se gramaticalizaram em determinantes, e que nas línguas neolatinas, especialmente o português do Brasil, foram denominados de artigos definidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BODMER, Frederick. *O homem e as línguas: Guia para estudiosos de idiomas*. Trad. Aires da Mata Machado Filho; Paulo Rónai e Marcelo Marques Magalhães. São Paulo: Editora Globo, 1960, p. 283-318.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1970.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

COUTINHO, Israel de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7. Ed. Nacional. Rio de Janeiro: 1976.

FIORIN, José Luiz (Org.) A mudança linguística In: *Introdução à Linguística I*. Objetos teóricos. 5. ed. 1. impressão. São Paulo: Contexto, 2007.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário da Língua Portuguesa e Gramática da Academia Brasileira de Letras*. Bloch. Rio de Janeiro: 1988.

TARALLO, Fernando. *Tempos Linguísticos: itinerário histórico da Língua Portuguesa*. Ática, São Paulo: Ática, 1986.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, S/D, 1990.

MUSSALIM, Fernanda. & BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 165-218.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos*. São Paulo:

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. OLIVEIRA, Mariângela Rios de. MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Trad. Antônio Houaiss. Instituto Nacional do Livro, 1961.